

## Entrevista com o professor Marcos Napolitano

O professor Marcos Francisco Napolitano de Eugênio é doutor (1999) e mestre (1994) em História Social pela Universidade de São Paulo, onde também graduou-se em História (1985). Foi professor no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (Curitiba), entre 1994 e 2004, e professor visitante do Instituto de Altos Estudos da América Latina (IHEAL) da Universidade de Paris III (2009). Atualmente, é professor de História do Brasil Independente e docente-orientador no Programa de História Social da USP. É assessor *ad-hoc* da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e do CNPq. Especialista no período do Brasil Republicano, com ênfase no regime militar, e na área de história da cultura, com ênfase nas relações entre história e música popular e história e cinema. Também possui experiência na formação de professores do ensino básico, com foco no uso do audiovisual na escola.

### **Rodrigo Otávio dos Santos: No mundo do século XXI - pós-moderno, líquido ou da informação - qual o papel da indústria cultural na formação dos alunos da educação básica?**

Marcos Napolitano: Acho que desde, ao menos, os anos 1980, ao menos no contexto brasileiro, a indústria cultural joga um papel decisivo não apenas na formação mas também na sociabilidade de todos nós. Ou seja, não são apenas os “jovens” que são marcados pela indústria cultural, mas quase todas as faixas etárias. O que ocorre entre os alunos do ensino básico é que a indústria cultural tende a ser uma experiência totalizante, combinando várias mídias entre si (internet/youtube, games, televisão, etc). Obviamente, nenhuma pessoa, mesmo dentro de uma faixa etária escolar, é uma tábula rasa. Outros fatores e sociabilidades, como a família, igrejas, vizinhança, formação escolar dos pais, tende a interagir com os conteúdos e linguagens da indústria cultural na formação do aluno.

### **ROS: De que forma a reprodutibilidade técnica da imagem (estática e cinética) e do som alterou o ensino no Brasil e no mundo?**

MN: Este fenômeno, na verdade, ocorre há muitas décadas. Nos últimos anos, entretanto, notamos uma dificuldade muito grande em assimilar linguagens que não sejam basicamente audiovisuais. Mesmo o “som”, se pensarmos no consumo de música, vem ligado ao vídeo e à imagem que dá um determinado efeito à experiência da escuta “pura”. Com esta hipertrofia do consumo visual industrializado, outras experiências e linguagens tendem a ser subsidiárias desta experiência formativa imposta pela indústria. Por exemplo, a leitura de um livro e a escuta de uma música, dependendo da faixa etária, estão condicionadas pelo consumo prévio de imagens audiovisuais que lhes dão sentido. É claro, isto é uma tendência, não uma lei determinante. Há vários tipos de crianças e adolescentes, com experiências culturais distintas, e que variam conforme o repertório cultural do seu meio. Esclareço que não se deve confundir “repertório cultural” com poder de consumo ou formação escolar dos pais. Uma família que mora em uma periferia pode ter uma busca cultural por repertórios diversos mais rica do que uma família de classe média que se acomodou no consumo cultural pré-formatado, ainda que socialmente valorizado. Com isso, não quero ser populista e desprezar a formação escolar, que é sempre muito rica e pré-condição para muitas experiências culturais enriquecedoras. Mas a capacidade de consumo e a formação escolar diferenciada não necessariamente geram consumidores mais críticos entre os jovens. Um exemplo concreto:

nas periferias das cidades brasileiras há mais saraus de poesia do que nos condomínios de luxo da classe média alta. O que isso significa? Há uma busca por cultura letrada, às margens da cultura de consumo, por parte de jovens que tem formação escolar mais precária e menos poder de consumo, em relação aos jovens de classe média. Este é um fenômeno que requer mais atenção por parte dos professores. A escola (pública, sobretudo) pode reverberar esta busca e ser um espaço de experiências culturais que não são formatadas ou fornecidas pela indústria cultural. O professor e a instituição devem se capacitar para isso.

**ROS: Como o professor pode se valer das produções culturais de massa em sua sala de aula?**

MN: As produções culturais de massa, produzidas em qualquer linguagem, podem ser utilizadas em sala de aula ou em ambientes escolares como quaisquer outras fontes de aprendizagem. O que importa é o tipo de abordagem do material que se traz para a escola. O professor deve buscar materiais que façam parte do repertório dos alunos, mas não simplesmente endossar a assimilação ou a experiência que os alunos já tem fora da escola. Por outro lado, o professor não deve impor seu gosto aos alunos, mesmo em produtos gerados pela cultura de massa. Trata-se de uma negociação tensa, entre a motivação e o gosto do aluno e o imperativo do trabalho crítico que se deve ter na escola. A partir desta regra geral, qualquer material da cultura de massa, de qualquer ordem (resguardados os cuidados com a faixa etária e o decoro básico da atividade escolar), pode ser um interessante instrumento ou fonte de aprendizagem. Mas isso não significa que os produtos mais “clássicos” (literatura, belas artes, músicas e filmes que estão fora da “moda”) não devam ser trazidos e mobilizados no processo de aprendizagem. A escola não deve ser uma mera subsidiária dos modismos da indústria cultural, a título de “motivar” os alunos.

**ROS: Qual o papel específico da indústria cinematográfica na criação, veiculação e divulgação de conceitos corretos e conceitos errôneos para alunos e também professores?**

MN: O cinema e a televisão, quando veiculam um documentário ou um filme de ficção, estão alimentando o que chamamos atualmente de “história pública”. Ou seja, um conhecimento histórico produzido às margens da pesquisa acadêmica, embora às vezes haja diálogo entre os dois campos. O professor não deve ter receio de discutir um filme histórico, por exemplo, só porque ele apresenta versões parciais do passado, embute propaganda ideológica ou, pior, tem anacronismos em relação à época encenada. Estes “erros” e “distorções” podem ser muito interessantes para se debater o passado em discussão, bem como o momento histórico em que o filme foi produzido. Obviamente, o professor deve se preparar para o trabalho com filmes (ficção e documentário), deve conhecer bem o filme que está sendo discutido em sala, deve evitar as armadilhas sedutoras da narrativa (mesmo que pessoalmente goste e concorde com o sentido valorativo e estético do filme em discussão). Se ele não conseguir fazer este jogo e provocar o olhar crítico dos alunos, a atividade pode ser inócua ou, pior, poderá simplesmente endossar o que está sendo visto, o que o filme quer nos comunicar.

**ROS: Por último, quais os primeiros e os principais passos para o professor começar a usar a indústria cultural em sua atividade docente?**

MN: A indústria cultural é uma esfera social e um tipo de produção da cultura que não tem fim, é um ter-

rítório imenso de conhecimento. A primeira coisa é o professor conhecer o debate geral sobre a indústria cultural, seus autores clássicos e seus conceitos-chave (Theodor Adorno, Umberto Eco, Nestor Canclini, entre outros). É um desafio teórico, pois sabemos das dificuldades que o professor tem na sua formação superior e em conseguir tempo livre para completar sua formação. Mas, ao menos as linhas gerais deste debate, o professor deveria conhecer ou procurar colegas que tenham tido uma formação específica, para construir trabalhos interdisciplinares. A outra estratégia inicial é procurar se especializar em algum ramo da “indústria cultural” e da “cultura de massa” e dar prioridade aos materiais e linguagens que ele melhor domine para trabalhar em sala de aula (cinema, televisão, música popular, humanidades digitais, etc). Esta formação leva tempo, e deve ser minimamente planejada. Por outro lado, o professor deve prestar atenção no repertório dos seus alunos, que já são formados dentro desta linguagem e, eventualmente, podem auxiliar na montagem das atividades, mesmo em chave crítica.

Entrevistador: Rodrigo Otávio dos Santos (UNINTER)

